

Jornal do Brasil

19/3/1987

TITO ALENCAR LIMA — 1410

CRÍTICA — “Frei Tito” e “Mulheres da terra”

Silêncio e dor

Wilson Cunha

“Você não vai falar, mas jamais esquecerá o preço do seu silêncio.” A ameaça, feita por um carcereiro, torturador, foi transformada em terrível realidade — que resultou no trágico suicídio de Frei Tito na França, onde estava exilado, em 1974 — e é lembrada no documentário de Marlene França, *Frei Tito*. Realizadora que aposta no equilíbrio entre a força da imagem e o valor do som, França leva sua câmara a claustros e cadeias com sensibilidade, coleta depoimentos de forma extremamente hábil. Nada de velhos discursos, nada de surrados panfletos — com a força da imagem e do som, durante precisos 17 minutos, lembra-se um mártir da Igreja progressista, de forma freqüentemente contundente, sempre emocionante. Pelos corredores de Frei Tito, silêncio e dor caminham juntos, em um brilhante exercício do ofício de fazer documentários.

Silêncio e dor estão igualmente gravados no rosto das mulheres bóias-frias que trabalham nos canaviais. Se em Frei Tito a câmara de França trabalha sobre uma realidade fechada — a trajetória de Tito até o solitário traslado de seu corpo — ao flagrar a realidade do campo em *Mulheres da terra*, busca-se um momento de transição, um processo de conscientização. Ao qual *Mulheres* se filia. Procurando romper o silêncio para quebrar a dor, este documentário traz depoimentos impressionantes em sua sinceridade, em sua desproteção. Mesmo que não guarde o mesmo equilíbrio de *Frei Tito*, e acabe se tornando desnecessariamente (25 min) longo, *Mulheres* tem imbatível força telúrica. Que é ser bóia-fria, pergunta-se a um daqueles rostos escalavrados pelo silêncio e a dor. A mulher pára um pouco, olha com seus olhos muito tristes e despeja: “E ser o último da fila.” Só este dilacerante momento já justificaria a existência de *Da terra*.

(Página 24 — ROTEIRO DA SEMANA)